

#### 4. Encarapinhando a rede:



Os quadrinhos da artista angolana Francisca Nzenze (Chiquinha) retratam o dia-a-dia de Ana, uma mulher que decide usar seus cabelos “naturais”. Esses quadrinhos contam as desventuras, os preconceitos e as especificidades de quem usa os cabelos na textura crespa. Conheci Chiquinha pessoalmente, depois de manter contato pela internet, quando ela me chamou a atenção para os grupos do Facebook que reúnem mulheres e homens que trocam conhecimentos em torno dos cabelos. Passei a atentar para esse espaço de trocas como objeto de pesquisa e a quadrinista angolana passou a integrar a minha pesquisa como colaboradora. O presente trabalho, de caráter etnográfico, é uma apresentação dos debates, encontros e compartilhamentos de conhecimentos que se constroem em torno de um grupo de discussão da rede virtual Facebook.

São vários os grupos do Facebook que tratam desse tema, dentre os quais cito alguns: Crespas e Cacheadas do DF; A(r)mando o Black; Cacheadas em Transição; Crespíssimos; Cacheadas e Crespas de BH; Oficina de Turbante; Angolanas Naturais e Amigos; Seu Cabelo Nossa Identidade;

Voltando aos Cachos; Inspirações Cabelo 4c; Com que Trança eu Vou?; Encrespando; Vício Cacheado; Cacheadas e Crespas pelo Mundo; Clube das Cacheadas e Crespas pelo Mundo; Cabelos Afros, Cacheados e Crespos; Bellas e Cacheadas; Big Chop com os Cachinhos é Melhor; etc. Falarei aqui do Carapinha do Indico que reúne mulheres *negras* e *mestiças* de Moçambique.

Vejo que esses espaços virtuais e de encontros presenciais são espaços micropolíticos<sup>1</sup>, como o são os salões étnicos já estudados pela literatura sobre cabelos crespos (GOMES; 2000), pois: i) promovem um espaço de experimentação de novas possibilidades de cuidados com o corpo; ii), são espaços para debates sobre racismo e discriminação; iii), são espaços que possibilitam a troca e o reconhecimento mútuo de uma estética geralmente relegada ao lugar do feio; iv), são espaços onde conhecimentos sobre cuidados com o corpo e o cabelo são compartilhados a despeito de haver representatividade nos grandes meios de comunicação e no mercado; v), são lugares que criam espaços para a representatividade de uma outra estética. Esse espaço virtual é um lugar de encontro e debate e funciona como um salão de beleza étnico congregando pessoas com afinidades e utopias em comum. É como o espaço que as mães negras mencionadas por hooks (1983) se dedicam aos cuidados com os cabelos de seus filhos. Um espaço de compartilhamento de conhecimentos e de apoio mútuo.

## O percurso da pesquisa

A presente pesquisa é um desdobramento da minha dissertação de mestrado intitulada “Seguindo as tramas da beleza em Maputo”. Nesse momento eu realizei uma incursão a campo em Maputo, Moçambique e escrevi sobre os significados da beleza para algumas mulheres moçambicanas que

---

1 Atribuo o termo micropolítico tal como proposto por Guattari (1999): a forma associativa em nos reunimos nos grupos de internet como estratégia de combate ao racismo e à discriminação capilar. Não há consenso sobre esse ponto entre nós, em uma conversa com Beatriz ela disse que o que ela faz não é político, mas uma necessidade que ela vê em sua vida de se aceitar enquanto uma mulher negra e crespa em um mundo onde essa estética é relegada ao lugar do feio e do indesejado. Contudo, tomo a liberdade de assumir esses espaços e esse gesto como uma forma de singularização da subjetividade (GUATTARI:1999), ou seja, uma forma de resistir e se diferenciar da tentativa do controle social, do normativo.

conheci e sua relação com os adornos. O mote dos cabelos apareceu com uma centralidade na concepção de beleza para as mulheres que entrevistei e conversei. Segundo elas, a cabeça é o *locus* privilegiado para a construção de um corpo bonito e os cabelos os adornos fundamentais para elaboração de penteados que compõem a estética feminina. Assim, eu nomeei essa centralidade que a cabeça ocupa na percepção sobre beleza em Maputo como “**estética da cabeça**”. A esse respeito eu salientei os esforços financeiro – há mulheres da periferia que chegam a gastar um terço do seu salário com cabelos – e sensoriais – as extensões, tranças e apliques são pesadas, machucam o couro cabeludo e doem ao serem aplicadas e durante seu uso. Um verdadeiro sacrifício do corpo é por elas experimentado. O tempo dedicado à feitura dos penteados pode durar até sete horas.

Está ainda presente em minha pesquisa anteriormente mencionada aquilo que agora chamo de “**mudança compulsória**”. É esperado pelas mulheres que se troque de penteados em períodos curtos de tempo. Observando-se entre elas uma verdadeira ostentação de penteados. De acordo com uma interlocutora é preciso “fazer a diferença”, renovar os penteados. Com isso altera-se a performance corporal, a forma de se sentir e de se expressar. Em algumas conversas informais com jovens entre dezesseis e trinta anos pude observar que alterar o penteado era alterar a forma de se expressar corporalmente, sendo essa mudança um jogo com o *self*. Joga-se performaticamente com a personalidade e uma mulher pode se sentir “angelical, poderosa, rebelde ou sexy” a depender do penteado que carrega. Ter o mesmo penteado ao longo de muitos meses provoca um grande incômodo entre as mulheres que conheci. Caso isso aconteça críticas são feitas entre elas ou elas mesmas podem sentirem-se incomodadas com o rosto que vêm no espelho.

As mulheres que se reúnem no grupo virtual Carapinha do Indico querem confrontar esse **preconceito capilar**. Elas anseiam por usar os cabelos na textura crespa desafiando a norma de mudarem sempre de penteado e gastarem um terço do salário com seus cabelos. Elas se rebelam

contra a imposição dos cabelos *leves* e usam seus cabelos na textura crespa, ou em termo local, *pesado*, sendo um desafio à estética vigente em Maputo. Em um encontro com participantes do grupo no Jardim dos namorados pude observar o desafio que as mulheres que optavam pelo uso do cabelo “natural” encontravam. Uma delas me disse que no primeiro momento as pessoas elogiavam e pensavam ser mais um penteado. Com o tempo passando, contudo, elas indagaram se ela não mudaria o cabelo para um novo penteado e porque não o faria. Ela comentou isso com sentimento de angústia e desamparo, pois esperava que as pessoas compreendessem sua opção por usar os cabelos na textura crespa.

Nesse espaço de encontro e de troca as mulheres presentes experimentaram uma troca de experiência e de conhecimento sobre como cuidar dos cabelos na textura crespa. Conhecimento esse que antes era desconhecido e que tem a internet como fonte para a disseminação do mesmo. A troca de produtos para cabelos se faz por não haver um mercado muito amplo de cosméticos especializados em cabelos crespos e por estarem ainda recentemente, reaprendendo a cuidar dos seus cabelos na textura crespa. Assim, o corpo torna-se um campo de experimentação onde produtos existentes no mercado são explorados a fim de encontrar aqueles que são mais adequados à textura e à qualidade de seus cabelos que estão sendo redescobertos. É muito comum ver na internet depoimentos e relatos sobre quais produtos são bons para os cabelos, quais são ruins, sobre os efeitos que eles produzem e os resultados alcançados com cada um.

Foi pensando nisso que Camila Paco criou o primeiro blog moçambicano que ensina a cuidar dos cabelos “naturais”. O *Naturalíssima* é um resultado de pesquisas sobre produtos naturais moçambicanos bem como técnicas de cuidados com os cabelos na textura crespa. Como pude observar foi apenas de algumas décadas para cá que surgiu no mercado de cosméticos moçambicano o interesse em comercializar produtos especializados para o cabelo crespo que não alterem seus fios. Antes disso o tratamento que existia para os cabelos crespos era necessariamente

o alisamento, as tranças e as extensões. Tal dado nos leva a refletir sobre a cosmetologia moçambicana, que estava e está afinada às mudanças e estruturas raciais presentes no país. A não existência de produtos para a textura crespa revela-nos elementos relacionados ao racismo moçambicano e nos fala sobre a definição do que é belo nesse país: cabelos lisos, cacheados e longos para mulheres. Como bem pontuou MALYSSE (2002) a esse respeito: “A aparência ideal, no caso o visual capilar ideal (cabelo liso, loiro, comprido e cheio), sempre corresponde à do grupo social dominante, o cabelo da elite, portador de referências sociais codificadas pela mídia.” (MALYSSE: 2002:8)

### **A hierarquia das texturas**

A fim de categorizar os cabelos cacheados sem qualificá-los como “bons” ou “ruins” Andre Walker, o cabeleireiro da apresentadora norte-americana Oprah Winfrey, criou para o site "NaturallyCurly", uma tabela para identificar e tratar cada modelo de cacho. Assim, os cabelos são categorizados como 2A, 2B, 2C no caso de cabelos ondulados indo do menos ondulado para o mais ondulado; 3A, 3B, 3C os cabelos cacheados também seguindo uma lógica de aumento da textura cacheada; 4A, 4B e 4C os cabelos crespos indo do menos crespo até o crespíssimo. O cabelo 4c, sendo o mais crespo de todos, seria o que mais sofre preconceito e rejeição. As imagens abaixo, retiradas de um dos grupos da internet ilustra as qualidades dos cabelos:



Imagem 3: Tipos de cabelos

Classificar essas texturas seria, para algumas mulheres dos grupos de discussão, uma forma de hierarquizar os cabelos. Para estas, esse tipo de classificação só deveria existir para orientar a compra dos produtos adequados a cada tipo de cabelo e não como uma forma de qualificar os cabelos entre mais ou menos bonitos. Podemos realizar aqui um paralelo entre a hierarquia das texturas capilares com o colorismo. Cunhado pela escritora e ativista negra norte-americana Alice Walker (1982), o termo colorismo se refere ao tratamento diferenciado dado às pessoas de acordo com a cor da sua pele. A depender da tonalidade da pele as pessoas teriam mais ou menos privilégios, acessariam com mais ou menos facilidade empregos, seriam mais ou menos aceitas nas relações afetivas. Afasto-me, contudo, da definição de colorismo de Walker (1982) por esta tomar como dada a noção de “raça”. Segundo a autora o colorismo seria a hierarquização da cor de pele de pessoas da mesma “raça”. A hierarquia das texturas capilares, da mesma forma, estabelece uma diferenciação no tratamento dado àquelas que possuem um cabelo mais crespo. Poderíamos falar em um **texturismo** que ordena de maneira a subordinar uma textura em relação à outra estabelecendo critérios de eleição daquilo que é mais ou menos belo.

### **Auto-estima e auto-aceitação**

Em algumas entrevistas realizadas em 2015 na cidade de Maputo pude observar que o uso do cabelo crespo “natural” vem acompanhado de transformações na forma de sentir-se e se portar diante das pessoas. Um processo de auto-estima e auto-aceitação acontece junto à mudança do cabelo na textura crespa. Uma das minhas interlocutoras, Uacy Madalume, disse que não gosta dos seus cabelos na textura crespa. Por isso lança mão de técnicas que alteram seus cabelos chegando a suportar verdadeiros sacrifícios corporais para tê-los não naturais. As mulheres que entrevistei que hoje usam o cabelo na textura crespa vêm nessa mudança um processo de auto conhecimento. Cabelos não é uma parte do corpo que está isenta de significados. Como pontuou Leach (1983) cabelos são parte importante do corpo e possuem força, potência transformadora da forma de se sentir no mundo.

O depoimento de Odetsuka sobre a sua opção por usar o cabelo na textura crespa é revelador desse processo de auto-aceitação e auto-conhecimento:

A maior vantagem para mim é o auto-conhecimento e a auto-estima que melhoram muito. As idas reduzidas ao salão também são uma vantagem bem grande. Se a pessoa não for “junk”, até pode ser barato ter o cabelo natural (risos). No entanto, é preciso que a pessoa se identifique com o cabelo natural, arrisco-me a dizer que não é para todas. Muitas de nós gostam de ver o cabelo natural noutra mulher, mas não tem a paciência necessária para cuidar dele. Porque é preciso ter muita paciência e imaginação para cuidar do cabelo natural, é preciso amar de verdade a pinha e aceitá-la como ela é, e para mim essa exigência é uma desvantagem, que faz com que muitas desistam no meio do caminho. Outra desvantagem é que cuidar de cabelo natural exige tempo, e se a vida for muito corrida, pode fazer com que se desista da jornada.

Ela nos revela a centralidade que a mudança de comportamento assume para a sua subjetividade.

Ela passa a gostar mais de si e de seus cabelos tal como eles são e desafia a estética vigente em Maputo em que mudar sempre de penteado apresenta uma ambivalência: ao mesmo tempo que se tem uma liberdade para experimentações as mulheres sentem-se impelidas a investir corporal e financeiramente em cabelos. Cabelos, sendo parte importante do corpo, a moldura do rosto e a marca da personalidade reúne mulheres na internet e fora dela para aprenderem a manipulá-los, cuidá-los e se apoiarem mutuamente na decisão de usá-los crespos.

## 5. Referências bibliográficas

BALESTRA, Aline Alcarde. *A dor em movimento: corpo e envelhecimento nas academias de ginástica*. In: *Antropologia: razão e poder: na pesquisa etnográfica contemporânea*. Antonádia Borges (org). Brasília Theasrus, 2014.

BATULUKISI, Niangi. *Hair in african art an cultures*. In: *Hair in African art and culture*. The museum for african art Prestel. New York, 2000.

BLACK, P. and SHARMA, U. (2001). *Men are real, Women are ‘made up’: beauty therapy and the construction of femininity*. *The Sociological Review*, 49: 100–116.

CAUGHAN, James H. *Hair style among the margi*. In: *Hair in African art and culture*. The museum for african art Prestel. New York, 2000.

CURIEL, Ochy. *El regimen heterosexual de la nacion*. Universidad Nacional de Colombia Facultad de Ciencias Humanas Departamento de Antropología Bogotá, 2010.

COSTA, Denise Ferreira da. *Seguindo as tramas da Beleza em Maputo*. Dissertação. Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cabelos como mobilizadores de sociabilidade em Maputo*. No prelo, 2015.

ELEY, Dikheita Nichole. *Coulor (sub)Conscious: African American Women, Authors, and the Color Line in Their Literature*. Bachelor of Arts, Virginia Union University, 2001.

ESTERMANN, Charles. *Álbum de penteados do sudoeste de Angola* Estermann, C.S.Sp.

Lisboa : junta de Investigações do Ultramar, 1960 (Porto : Imprensa Portuguesa. - il., p. & b.,  
fotografias

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. *Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos*. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012



GOMES, Larisse Louise Pontes. *Entre big chops e black powers: identidade, raça e subjetividade em/na transição*. (Monografia), Maceió, 2014.

GOLDMAN, Márcio. *Alteridades e experiência: antropologia e teoria etnográfica*. Etnográfica, Vol. X (1), 2006.

GORDON, Doren. *A beleza abre portas: Beauty and the racialised body among black middle-class women in Salvador, Brazil*, 2013.

GRAYSON, Deborah. *Black Women's hair as spectacle and spec(tac)ular*. Duke University Press.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela. “*Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada*”: *Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros*”. XXVI Reunião Anual da ANPOCS, 2002.

HERREMAN, Frank. *Hair: sculptural modes of representation*. Batulukisi, Niangi. Hair in african art an cultures. In: *Hair in African art and culture*. The museum for african art Prestel. New York, 2000.

HILL-COLLINS, Patricia. 1998. *La política del pensamiento feminista negro*. In: Navarro, M. e Stimpson, C. (Orgs) *¿Qué son los estudios de mujeres?*. Buenos Aires. Fondo de cultura Económica, 1998.

HONWANA, Alcinda Manuel. *Espíritos vivos, tradições modernas – possessão reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Promédia, Maputo, 2002.

HOOKS, bell. *Alisando nossos cabelos*. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005.

\_\_\_\_\_. *Intelectuais Negras*. Revista Estudos Feministas, V.3, no 2 , 1995.

\_\_\_\_\_. *Vivendo de amor*. In: Werneck, J. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais* (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.

- JUNIOR, J. R. dos Santos. *Table for the general shape os the negroes' hair*. Porto, Imprensa Portuguesa, 1959.
- LAWAL, Babatunde. *Orioles: The hermeneutics of the Head and hairstyles among the Yoruba*. In: *Hair in African art and culture*. The museum for african art Prestel. New York, 2000.
- LEACH, Edmund. 1983. *Cabelo mágico*. In: DA MATTA, R. Leach . São Paulo: Ática.
- LODY, Raul. *Cabelos de Axé: identidade e resistência*, Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.
- LUCINDA, Maria da Consolação. *Subjetividades e Fronteiras: Uma antropologia da manipulação da aparência*. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 2004.
- MAJORS, Yolanda. J. "I Wasn't Scared of Them, They Were Scared of Me": Constructions of Self/Other in a Midwestern Hair Salon. *Anthropology & Education Quarterly* Volume 35, 2004.
- MALYSSE, S. R. "'Extensões do feminino': megahair, banalidade e preconceito capilar", in: [www.studium.car.unicamp.br](http://www.studium.car.unicamp.br), (2002).
- MAUSS, M. & HUBERT, H. *Sobre o sacrifício*. S. Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MIRANDA, Maria Aparecida. "A beleza negra na subjetividade das meninas -um caminho para as marianzinhas" - *considerações psicanalíticas*. Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado., 2004.
- MIZRAHI, Mylene. *A estética funk Carioca: criação e conectividade em Mr. Catra*. Rio de Janeiro, UFRJ, IFCS, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude - usos e sentidos*. Editora Ática série princípios 2a. Edição, 1988.
- NEGREIROS, Dalila Fernandes. *Educação das relações étnico-raciais: análise da formação de docentes por meio dos programas Uniafro e Africanidades*. Dissertação, Brasília, Julho de 2013.
- NYAMJOH, Francis and FUH, Divine. *Africans consuming hair, Africans consumed by hair*. Africa Insight, Africa Institute of South Africa, June 2014.

SIEBER, Roy. *Prologue*. In: *Hair in African art and culture*. The museum for african art Prestel. New York, 2000.

SIEGMANN, William. *Women's hair Soweï masks in Southern Sierra Leone and Western Liberia*. In: *Hair in African art and culture*. The museum for african art Prestel. New York, 2000.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

RAVAGNANI, Herbert Barucci. *Luta por reconhecimento: a filosofia social do jovem Hegel segundo Honneth*. *Kínesis*, Vol. I, n° 01, Março-2009.

RIBEIRO, Gabriel Mithá. "*É pena seres mulato!*" *ensaio sobre relações raciais*. *Cadernos de estudos africanos*, 2012. Disponível em: <http://cea.revues.org/583>

WALKER, Alice. *Cabelo oprimido é um teto para o cérebro*. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/patrimonio-cultural/literario-cientifico/literatura/3062-cabelo-oprimido-e-um-teto-para-o-cerebro>

\_\_\_\_\_. *If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?*. in *In Search of Our Mothers' Gardens* 290, 290-91, 1983.